

Correio das Artes

Ano II Número 50 SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO" Domingo, 5-11-1950



Vinheta de TINET

A Sinceridade De Pereira Da Silva

ADELMAR TAVARES

POR uma manhã de 1895, lêstes um edital chamando a mocidade a preencher os claros abertos na Escola Militar com a Revolta de 93. Abria-se a flôr dos vossos 17 anos. Ficastes longo tempo com o jornal entre as mãos, e o pensamento distante. Estava ali uma bela carreira, — o soldado, a Pátria, a bandeira, o futuro. Partistes para a Escola Militar, e vos inscrevestes, apertastes o cinto, envergastes a farda de botões de ouro, enterrastes à cabeça sonhadora o quépi com o número de vossa matrícula, e ao sol, e aos ventos de uma manhã gloriosa, jurastes à bandeira auri-verde. Soldado, como Camões, e como S. Luiz, como Vigny, e como S. Jorge, o poeta e o santo dormiam no fundo desta alma entusiasmada. Mas a Pátria preocupava as escolas e os quartéis. Conspirava-se. E — quem o diria? — o cadete Antonio Joaquim era um conspirador perigoso!... Sussurrava coisas tenebrosas entre os companheiros. Prometia. Afirmava. Sabia... Dizia versos que rastilhavam incêndios nos moços corações que os ouviam. Era já em 1897. Do alto de um tamborete, no pátio da Escola, por entre a luz mortíca dos lampeões, proferia palavras candentes a favor de Floriano, contra Pruden-

(Trecho do discurso de saudação do poeta, pronunciado na Academia Brasileira de Letras)

te. Aquelas mãos magras e pálidas, suaves e pastosais, — que à semelhança de Cesar Dominici sobre Amado Nervo — «pediam a nobreza episcopal da ametista», faziam entrever as mais chamejantes bombardas, e por aquela cabeça «que reclamava a tonsura», estalavam chamas patrióticas e referviam idéias

capazes de subverter todo o país no mais assustador dos cataclismas!... «O cadete Antonio Joaquim era um conspirador perigoso!...»

No dia em que subiu Prudente novamente ao governo, estáveis em armas. Fôstes prêso, levado incomunicável ao Quartel General e deste, sob a vigia mais cau-

telosa, para o 23º Batalhão de Infantaria, e depois vos mandaram servir no 13º de Cavalaria do Paraná.

Aí, é que foi o sobressalto desse ingênuo e doce coração de mulher que é vossa mãe! Quanta infelicidade vinha a cair sobre o seu filho!... O número 13! As campinas do Paraná revoltadas!... O cavalo!... — aqueles cavalos bravios e guerreiros que o seu filho conhecia apenas em estampas de revistas!... Mas fostes, e dominastes os nervos e luzidios cavalos, «de cascos relucientes y de ancas musicales», e correstes como sobre asas de Pégasos as verdes campinas, e varastes com a ponta de vossa lança as sombras azues dos altos pinheiros gementes e gloriosos. Na intimidade de Dario Veloso, — o Poeta e o Santo, o filósofo e o artista, que dormiam no fundo de vossa alma, desabrocharam inteiramente em ritmos, e só uma idéia vos tomava, noite e dia: — voltar ao Rio, completar o tempo de serviço, obter a baixa, e apanhar de um livro de Leis e officiar com ardor no templo da Justiça. E assim o fizeste, voltando ao Rio em 1900 e pouco, quando entre nós irrompia a escola revolucionária do movimento literário simbolista, a desancar a Academia no seu primeiro

AD AMICOS

PEREIRA DA SILVA

BEM sei — chegando a morte — meus senhores,
O que de mim direis, à despedida:
— «Era um poeta de Musa comovida,
Forma comum, dotes inferiores.

Não teve os altos dons reveladores
Da divina Beleza, inda escondida.
Faltou-lhe o gênio que sublima a Vida,
E diviniza os divinizadores...»

Seja. Também não tive tal vaidade.
Pó — somos todos diante a eternidade.
— Menos que pó, menos que poeira: — nada.

Mas, inda assim, no mundo da matéria,
Dei ao pó da minh'alma a forma etérea
Da dôr humana espiritualizada.

decênio, (oh, as costas-largas da Academia!...) e malhando à vontade os nossos Coelho Netos e Murats, cognominados de fôsseis, apegados às formas impassíveis de um parnasianismo retrógrado, e às tábuas moedigas de um naturalismo agonizante. Procurava-se com Gautier o sentido que as palavras ocultam fora do senso vulgar, e a côr que encerram, como diamantes, rubis, safiras, esmeraldas que as palavras são, — sendo que Rimbaud chegou a ver, não nas palavras, mas nas vogais, a côr, — o negro do A, o branco do E, o rubro do I, o azul do O, e o verde do U. Procurando-se a côr, perquiria-se com Verlaine a música que as palavras guardam no fundo de si mesmas, como os búzios das praias, os barulhos secretos do Mar.

De la musique, avant toute chose!
Car nous voulons la nuance
encore,
Pas la couleur, rien que la nuance...
De la musique encore et toujours!

O Simbolismo desfraldava-se, pois, para retornar a música de que o Parnasianismo e o Naturalismo haviam desapossado a Poesia. Sob a égide de Cruz e Souza, pompeava entre nós a Rosa Cruz, o hebdomadário vermelho capitaneado por Felix Pacheco, Carlos Dias Fernandes, Saturnino Meireles, e tantos outros. Procurastes a Cidade do Rio, de Patrocínio, e aí com Patrocínio Filho, Corinto e

Pausílico da Fonseca, Gonçalo Jacome, e Saturnino, e outros, sob o pseudônimo de J. D'Alem, inglesastes na imprensa carioca, e passastes depois a vossa pena cintilante pelo Jornal do Comercio, pela Gazeta de Noticias, pela A Época, de Vicente Piragibe, e pela A Pátria, de Paulo Barreto.

Aflorando o vosso espírito no gurpo do simbolismo, onde fizestes de Felix Pacheco, e Saturnino, e Jacome, e Carlos Dias, e Nestor Vitor, e Castro Menezes, os vossos companheiros mais fiéis, a ponto de sair o vosso Vae Soli, contemporaneamente com Astros Mortos e Felix-Culpa, estáveis nas trincheiras dos petardos, éreis simbolista, revolucionário, carbonário, lenço encarnado, mas não muito... como se diz na gíria carioca. Qualquer que fosse o templo onde se officiasse a Beleza, vos descobrieis respeitosa e reverência. A estrofe l'martineana, ou baudelaireana, leopardiana ou herediana, — Nobre, Antero, Junqueira, Raimundo, Murat, Bilac ou Alberto —, tudo ressoava no fundo da vossa alma profunda e mística com uma nota de piedade e reverência. Passaram as escolas literárias e os seus legionários junto de vós, e vos ficastes sempre o mesmo, olhando os com aquela mesma serenidade com que vieis passarem outrora, assentado ao batente da casa branca de Araruna, nos vossos oito anos, — as missões e os missionários, que levantavam os templos de Cristo, pedra a pedra, na palavra da Fé, pelo sertão. Viveis,

como Leonardi, no eterno exílio, e só a Poesia para vós, como para ele, é luz, e é guia, é pão, e é vida. Só ela é a Verdade. Conservais aquele aforismo de Baudelaire de que se pode passar três dias sem pão, mas nem um só sem poesia. Não fôses um sincero, sr. Pereira da Silva, e não fosse a vossa obra toda uma expansão de sinceridade, — sangue, seiva, perfume e vida, — expressão de sua harmonia, ritmo feiticcio da sua graça.

«Pois se tudo abateu, tudo
[que engana,
Seguindo as leis fatais da
[vida humana,
(Leis de que a gente raro
[se persuade)
Tu me ficaste, límpida, in-
[cendida,
Como a graça floral da pró-
[pria Vida,
Lua piedosa da Sincerida-
[de!]

Essa sinceridade vos tem sido ressaltada e alcandorada pelos vossos críticos, mesmo por aqueles que vos queiram apenas ouvir no grave e predileto teclado do vosso instrumento, no teclado da dôr, e é essa sinceridade que faz do vosso pessimismo não uma afecção ou uma atitude, mas essa «grandeza triste» que Faguet vê santificada e venerada no templo da Arte Universal. Dizeis a cada passo, pouco vos importa de como se aprecie a vossa atitude em face da Vida: — «Que importa a mim que me vejam um Santo ou um cínico? Tudo depende da margem em que se coloque o curioso da minha sensibilidade. O que sou, acima de tudo, é um sincero. Se outros, como Camões, beberam o amor do leite, eu bebi com Virgílio as lágrimas da Natureza».

Lendo-vos, pode parecer atravessar-se uma floresta cerrada, onde de raro em raro se esgueira uma flecha de luz. Pode ser triste. Mas como é grande! Dante, Poe, Baudelaire, Chopin, Liszt, Beethoven, arrastam constantemente os grandes muros da dôr pelos vossos caminhos.

Como essas flechas de luz a que me referi, cortam de espaço a espaço a cerração, cantais o Amor ou a Alegria. E que pena sentimos, depois, não ser sempre essa

a nota da vossa Musa!... E' como se mergulhassemos as mãos na água pura e fria da mata, e nos desdentássemos da caminhada que frieza, que gozo e que perfume tem essa água! Será que toda essa pureza vem «da frágua e da rocha que a tarpeiam, e a faz jorrar cintilações de estrelas», como dizeis em vossos versos? Mesmo quando a Vida vos oferece a taça do prazer, e vos pondera que cada dia e cada instante que vos dá, «vale uma taça de vinho de ouro espumante», vós a afastais dos lábios sequiosos, receioso do travo que está no fundo:

«Mas eu lhe respondo: Vida,
Deixa-me só no caminho,
— Só, de boca ressequida,
Eu sei que a tua bebida
Tem mais lágrimas que
[vinho!]

Se o Amor vos tocaia na encruzilhada, a vossa musa mitica, na comparação de Domínici, semelha à andorinha da igreja, — escrava sempre da torre nos seus vôos. E assim, vós vos escutamos ao lado da mulher amada, naquela miniatura em sextilhas, tão festejada pelos vossos críticos, e que ficarão na Poesia Brasileira antologiadada como paradigma do mais delicado lirismo:

(Cont. na pág. 14)

PEREIRA DA SILVA

DECORRENDO no próximo domingo, 12 de novembro, mais um aniversário de nascimento de Pereira da Silva, havemos por bem dedicar algumas páginas de CORREIO DAS ARTES à memória do grande poeta paraibano falecido em janeiro de 1944 na capital do país. Assim, publicamos, nesta edição, além de uma noticia-biográfica e de um trecho do discurso de saudação do poeta Ademar Tavares na Academia Brasileira de Letras, um dos seus belos poemas.

A União

Fundada em 1892 — Patrimônio do Estado

Diretor — HILTON MARINHO

Correio das Artes

Orientação de EDUARDO MARTINS

Redação e Oficinas:

Edifício da Imprensa Oficial — Rua Duque de Caxias
João Pessoa — Paraíba do Norte — Brasil

PEREIRA DA SILVA

(NOTÍCIA BIOGRÁFICA)

ANTONIO Joaquim Pereira da Silva nasceu em Araruna, na serra da Borborema (Paraíba), em 12 de novembro de 1877. Seu pai era carpinteiro, e uma de suas atividades favoritas era a de fabricar violas para vender, conforme o depoimento que mais tarde daria o próprio Pereira da Silva: «Meu pai era para as suas violas, por todo aquele mundo sertanejo, o que era Stradivarius para os seus violinos... Quando meu pai morreu, recolhi como herança, e conservei por muito tempo, uma cruz de madeira na qual ele trabalhava até as vésperas. (Profecia talvez do meu destino). Eu deveria chamar-me Pereira da Cruz. Hesitei em assinar-me assim. Mas, por ele mesmo, fiquei Pereira da Silva». (Apud Ademar Tavares — Discursos Acadêmicos, vol. 8.)

Muito religioso, o pequeno Antonio Joaquim, já aos 8 anos, era croísta da Capela da Conceição, e todas as manhãs, ia a sua igreja, ajudar a missa.

Aos 14 anos, deixou Araruna, e foi trazido para o Rio de Janeiro. Começou a estudar, então, nas aulas noturnas do Liceu de Artes e Ofícios. Obteve também um empregue num estação da Estrada de Ferro Central. Interessasse pelos assuntos literários, estuda uma gramática portuguesa, um francês sem mestre, lê, uma e muitas vezes, os versos de Casimiro de Abreu, os de Gonçalves Dias, os de Varella, os de Castro Alves.

Em 1895 lê um edital da Escola Militar, no qual se chama a mocidade a preencher os claros abertos com a revolução de 93. Antonio Joaquim matricula-se ali, e é ali que faz os seus preparatórios. Em 97 há um movimento revolucionário entre os alunos da Escola Militar e o cadete Antonio Joaquim está implicado na tentativa de sedição. É preso, levado incomunicável ao Quartel General, e dali remetido para o 23º Bata-

lhão de Infantaria. Do 23º saiu para o 13º de Cavalaria, que estava aquartelado no Paraná. É em Curitiba que conhece escritores e poetas de feitio semelhante ao seu, e entre estes contou-se Dário Veloso, que estava destinado a ter eficaz influxo sobre o espírito do novo amigo.

da Dôr. Pereira da Silva ganha o prêmio, e com ele um beijo na fronte, que lhe dá o grande jornalista.

Esse é também o tempo em que Pereira da Silva se enfileira galhardamente entre os jovens da reação simbolista. É o tempo da Rosa Cruz, a formosa revista que fôra fundada pa-

três. Voe Solis publicado nessa ocasião, nos diz bem a orientação do seu espírito naquele momento.

Da Cidade do Rio, onde usa o pseudônimo de J. d'Alem, passa a trabalhar em outros jornais, e se dispersa nas colunas da Gazeta de Notícias e do Jornal do Comércio, da Pátria e da Época.

Logo depois de formado em Direito, abandona o Rio, de Janeiro, e vai fixar residência no Paraná, terra em que estivera na primeira mocidade e da qual guardava excelentes recordações. Obtem uma promotoria no interior, e leva, para ler nos intervalos das atividades profissionais, os seus poetas preferidos. É ali, na terra dos pinheirais solitários, que lhe nascem os versos de Solitudes.

Pouco tempo, porém, se demora no Paraná. Cedo se desilude de sua vocação jurídica e da magistratura; regressa ao Rio, em 1918. Volta a encontrar antigos camaradas, aqueles que já não estão irremediavelmente afastados pela vida... Faz nova intimidade, cada vez mais afetuosa e compreensiva, com Paulo Araújo e sobretudo com Castro Menezes que o leva a oferecer frequente colaboração às páginas da Revista Souza Cruz.

Em 1922, o editor Leite Ribeiro o convida para ser um dos diretores da revista Mundo Literário, que se vai fundar. Pereira da Silva aceita o convite, e, juntamente com Agripino Grieco e Theo Filho, passa a dirigir essa revista.

Em 1919 Pereira da Silva tentou pela primeira vez entrar para a Academia Brasileira de Letras. Abri-se a vaga de Olavo Bilac e ele a ela concorreu, disputando-a com Amadeu Amaral, Barbosa Lima, Hermes Fontes, Heitor Lima, Saturnino Barbosa e Joaquim de Queiroz. Foi eleito Amadeu Amaral em 2º escrutínio, tendo Pereira da Silva obtido em primeiro turno 6 votos e em segundo 4. Voltou a bater às

(Cont. na pág. 12)



PEREIRA DA SILVA, num desenho de Pacheco

Em 1900 está Pereira da Silva de novo no Rio, desligado do Exército. Faz-se funcionário postal e matricula-se na Faculdade de Direito desta cidade. Entra para a «Cidade do Rio» e inicia-se como jornalista, sob a direção de José do Patrocínio. Certo dia, Patrocínio o chama, e bem assim a Pausilipo da Fonseca e a José do Patrocínio Filho, e determina que os três façam uma prova de poesia, sob o título Trilogia,

para cultuar a memória de Cruz e Souza. Pertence ao cenáculo demolidor e revolucionário, que tem como um dos pontos do seu programa destruir todos os medallhões ineptos, e entre estes, em primeiro lugar, os que pertencem à Academia Brasileira de Letras. Ali encontra Saturnino de Meireles e Gonçalo Jacome, Mauricio Jobim e Carlos Dias Fernandes, Castro Menezes e Paulo Araújo, Felix Pacheco e tantos ou-

BARRELA NAS ESTANTES

GUILHERME FIGUEIREDO

CONTA-SE que Anatole France atirava dentro da banheira, para vender, os livros que recebia e que não interessavam. Há quem encontre espírito irônico no método; eu acho que ele indica que o pai de Bergeret não fazia grande uso da banheira. No Brasil, os escritores em contacto com a imprensa diária escolhem vários processos para se desembaraçar das edições que recebem, desde o da venda pura e simples à doação às bibliotecas e instituições pias. Como sei bem o que se recebe, fico a avaliar o quanto sofrem os frequentadores das bibliotecas de pequenos grêmios, de asilos, de aducandários, que ali sempre encontram toneladas de papel impresso ilegível, ou pelo menos da menor sedução.

Realmente, a invasão do livro gratuito entre nós é espantosa. Os editores se vêem de certo modo forçados a fazê-la, porque não encontram melhor meio de propaganda, e sempre nutrem a ilusão de que as constantes remessas resultarão em algum artigo de jornal, ou alguma menção simpática dos seus esforços. Se isto é louvável, é pena que o façam indiscriminadamente — como indiscriminadamente o fazem as repartições públicas, as autarquias, as fundações, as instituições especializadas, que teimam em nos fornecer pela casa a dentro o fruto de suas cogitações. Tenho, como amigo um mundo de relatórios, memórias, comunicações sobre as mais raras especializações intelectuais, pesquisas sobre coccinrídeos, notícias sobre o subsolo da zona do São Francisco, teoremas espinorianos, ao lado de volumes comerciais com endereço positivamente errado: estudos sobre regime penitenciário, emprêgo da conjunção *que*, curso de álgebra para adolescentes, viagem infantil ao mundo dos animais etc. Que veio fazer tudo isto em minha casa não sei. Sei que outros tantos escritores, jornalistas e críticos são assaltados pela mesma praga,

que o correio já lhes entrega com o malicioso desejo de lhes mostrar que não extravia tanto a correspondência como propalam as más linguas.

Porisso mesmo, nem todos os donos de estantes e pequenas bibliotecas podem mostrar seus livros como me fez Agripino Grieco, proprietário das mais belas coleções literárias que já vi, afirmando: «Veja, é tudo livro mesmo, de literatura. Aqui não há relatório, não há entulho. É coisa boa, só». Era só coisa boa. Ele não me ensinou a maneira de se ver livre dos tremendos relatórios das nossas repartições, que hão de lhe chegar aos montes, às vezes até com dedicatória e cartinha do diretor pedindo nota e mais o obséquio do envio do recorte... Por que há os anuários, há os órgãos oficiais, que chegam aos milhares, produzidos por quase todos os cavaleiros e estabelecimentos encarregados de fazer coisas, construção de estradas, plantio de cebolas, mapas geodésicos. Por aí se vê que não temos tantas destas coisas feitas porque os homens encarregados delas

estão ocupados a redigir. E se conseguem calcular com precisão o número de meninos que não tomam sopa de batatas em todo o território, poderiam diminuir esse número com a redução das páginas que relatam as suas atividades. Pois ainda assim, com a inflação das obras oficiais, as casas de impressão do governo acham tempo para lançar volumes de prosa e verso, livros com iluminuras, edições fora do comércio, em visível concorrência com os industriais editores.

Há ainda o livro particular, que se multiplicou no fim da guerra através de editorazinhas: o livro da vaidade, o livro feito como título para o concurso ao lugar de escritor, o livro sentimental para a namorada o livro pedante, o livro impresso até para enriquecer. Tudo isto a gente recebe; e, se quiser, recebe vários exemplares. Quanto pior a obra, melhor é a dedicatória que a acompanha, porque ela vem envolvida na euforia de lançar o volume aos ventos e no capcioso desejo de obter uma propaganda. O meu amigo Murilo Miranda, que

transcreveu tão curiosas dedicatórias na sua «Revista Acadêmica», devia caçar outras, aos livros de autores de geração espontânea, nas edições particulares e comemorativas de datas íntimas. Há aí todo um grito opresso de glória que se revela, de vitória sobre o papel em branco, de assalto às linótipos. Há um acotovelamento, uma vontade de chegar, de aparecer, de meter a cara, que se podem bem calcular pelo despesão de tais aventuras.

Mas quem lê tais coisas? Os volumes amarelecem fechados como solteironas, e atravancam a vida da gente como solteironas. Às vezes servem de suporte num canto da estante, às vezes ajudam a encher um lugar vazio. Mas, a medida que outros volumes mais nobres vão vindo, os outros se degradam, das fileiras visíveis das prateleiras para as águas-furtadas e os porões. Nunca me ocorreu doá-los, porque me parecia com isto estar transferindo uma perfídia. E assim se foram eles acumulando, os relatórios que reclamam providências urgentes, as memórias contendo planos de salvação nacional, os discursos proferidos solenemente em datas cívicas, os gemidos da alma do poeta irrevelado e os romances que a notoriedade não beijou. Talvez, quem sabe?, a posteridade virá um dia, de espátula em punho, rasgar essas páginas para extrair de dentro delas uma verdade que parece um quisto, e que no entanto será uma pérola despercebida para os nossos olhos de suínos da fábula. Mas, até lá, esses calhamações são a borra ilegível do fundo das estantes, que de vez em quando a gente varre com fúria, rasga, entrega para as crianças garatujarem, vende a quilo, dá com alegria como quem dá atêrro. De novo ela se acumula, e de novo a gente despeja. Não sei para onde vai, que nem no sebo a encontro. Quem sabe o caso de Anatole France está mal contado? Quem sabe os livros saíam mesmo pelo ralo?

SAUDADE

REGIS VELHO

COMO está deserta,
a velha e vasta casa da Fazenda,
essa tão honrada e nobre tenda
onde passou a vida minha mãe!

*Como sinto saudades do passado!
De tantas tardes que passei alegre,
das douradas manhãs,
do meu bondoso e tão querido pai
e do sorriso jovial e franco
das minhas três irmãs!*

*Naquele canto, tinha um oratório
e minha mãe, ali diariamente,
ia rezar contrita, uma oração.
Eu quando a via rezando, parecia
que sua reza era uma poesia
se insinuando no meu coração!...*

Roteiro Lírico de Eduardo Martins

WILTON VELOSO

ESTOU plenamente de acordo com LÉDO IVO quando diz que Eduardo Martins é o único verdadeiro poeta que a Paraíba possui. Em verdade, se outros existem, o que talvez seja possível, pois eu mesmo já li belos poemas inéditos, de inéditos poetas como J. J. TORRES e BENTO GAMA, entremostrem apenas algumas raras e excepcionais promessas de futuros cantores da nova geração. Eduardo Martins, porém, pela sua constância, sua tenacidade, e, até mesmo, pela sua fé inabalável nos destinos eternos da poesia, revela-se um autêntico temperamento poético para quem os segredos e mistérios do mundo tomam um imprevisível aspecto de um novo e suave milagre.

Sua visão tagoriana das coisas nos perturba e confunde, inicialmente. É que, a nossa geração está vivendo ainda, sob o signo da desesperança e do infortúnio. Vive agoniza, lentamente, mas implacavelmente. A mensagem deste poeta, entretanto, nos afasta como luz instantânea das trevas de uma realidade sufocante e pungente. Diante de sua poesia, sentimos a criação de um mundo próprio e independente. De um mundo transfigurado por uma força poética que ultrapassa todos os limites do Telúrico para exprimir uma realidade, à parte. Fico a pensar, agora, nos que acreditam, como BERNANOS, na salvação do mundo pela Poesia. Penso, ainda, nos que não deixaram de colocar a sua fé e a sua vida a serviço da grande causa. Penso nos que por não sentí-la, permanecem infelizes e torturados. Nos que sentem-na em sua grandeza e na sua transcendência e, por isso, lutam e, por isso, sofrem. Porque, apesar de tudo, a poesia é ainda a grande necessidade mesmo para os que «nasceram marcados pela desventura de não ser poetas», ainda assim, eles se constituíram, pelas contingências da própria realidade, pela insuficiência e pelo negativismo

das soluções humanas, os «heróis» que aceitam e sustentam este duelo de morte. Eles sim, podem dizer:

«...deixámos o reino dos
[barbaros
Que fusilam crianças com
[bonecas ao colo
E eis-nos livres, soprados
[pelos ventos,
Até onde não alcançam os
[aparelhos mecânicos...»

Eduardo Martins situa-se, perfeitamente, entre aqueles que acreditam ser a poesia ainda a melhor solução para um maior e efetivo entendimento entre os homens. Solução que é a sua própria certeza numa interpretação da vida pelo amor, e uma grande fé no destino lírico da solidariedade humana. Porque dentro de todos os ruídos e de todos os gestos, dentro de todas as dores e de todos os odios,

no meio de todos os sofrimentos, ele nos fala a linguagem terníssima de sua poesia. Poesia que parece chegar de qualquer canto de um mundo desconhecido e memorial, que parece cair do céu ou subir dos chãos mais profundos. Que vem anunciar o término da noite e dizer aos nossos ouvidos desesperançados que as trevas não são eternas, que as trevas vão acabar. Tudo isso numa linguagem de poeta e de irmão. Linguagem que aquece e abraça, que chama e reconforta, como neste sugestivo haikai:

«...venh com as tuas
formas ao vento, és a minha
Amada, que importa?...»

Com este «NOVOS POEMAS», o poeta atingiu essa maturidade intelectual que caracteriza nele uma experiência lírica definida, cheia

de sugestões, embora com um sentido menos libertário e uma maior disciplina dos seus movimentos. Podemos dizer que ele já havia alcançado sua plenitude em «INTEGRAÇÃO», onde as ressonâncias poéticas mais puras e vivas do seu espírito, encontraram uma real correspondência na sua personalidade inquieta e inconfundível.

Não há na sua poesia nenhuma visão supra-realista, nenhum desvairamento, ou cerebralismo, mas um sentimento profundamente metafísico e uma incontida ansiedade mística. Em poucos poetas nossos, poderá ser encontrada uma tão grande afirmação mística, e em que a angústia de uma inquietação religiosa e emotiva seja tão terrível, tão dilacerante. Somente num Jorge de Lima ou num Vinícius de Moraes chegamos a sentir essa mesma sensação de desassossego e desencanto. Deste último, aliás, possui Eduardo Martins influências bem fortes e visíveis em vários poemas de «Integração» e «Poemas da Hora Incerta».

Confesso, sinceramente, que não me agrada nada essa nova forma de expressão de sua poesia. E, se me fosse dado sugerir uma orientação que me parece a mais legítima, e menos limitadora da sua inspiração, aconselharia a este poeta bissexto, como diria Manoel Bandeira, a retornar àquelas mesmas fontes de «Integração» e de «Poemas», onde existem poemas de rara e comovedora beleza.

Tenho para mim, embora saiba que a poesia é uma só, que o poeta deve sempre procurar uma expressão formal que melhor corresponda aos grandes anseios de sua inspiração e à disciplina da própria natureza emotiva. Apenas isto: a incompatibilidade entre a expressão formal e a realidade interior e psicológica determina um desajustamento chocante e fatal. Transformaria, numa palavra, a mensagem do poeta naquilo que Jean Royère queria que a poe-



DESESPERO — Pancetti

L Á E C Á

SILVINO LOPES

E STOU sabendo (e que tristeza para mim!) que o escritor João Leis, o líder da oposição na Assembleia paraibana, a principal figura da sua bancada, não conseguiu reeleição.



Na região nordestina a paisagem é sempre a mesma. Enfeita-se a terra de árvores opulentas, de prados e rios coleantes, porém, os nossos olhos não se livram dos desclassificados arbustos dos taboleiros insuportáveis e dos charcos em constantes ofertas de miasmas.

Volta João Leis aos seus livros, ao seu trabalho intelectual, possibilitando à sua terra participação nos certames literários do país, para que ela se mantenha

no nível em que a colocaram Augusto dos Anjos, Pereira da Silva, José Vieira, José Lins do Rego e outros mais, porém, a Assembleia terá que sentir, perdôem-me os futuros legisladores, graves sintomas de estagnação. Mesmo que se movimente, por obra e graça do regimento, em certos sítios do recinto, haverá o frio das paralisias. Falhou o seu colégio eleitoral, no Batalhão, e a capital não pensou em salvá-lo da derrota.

Foi moda, no último pleito, haver um candidato em cada município. Lá também prevaleceu o lema — «salve-se quem puder». Mas, tudo isto sem lucro para o Estado.

Coligação paraibana, por que abandonaste o teu líder?

A luta foi tremenda e o furacão que ameaçava arrasar a terra de José Américo lançou o povo em pânico.

O meu caro João Leis é destes que não sabem pedir votos, se desmanchando em promessas e dinheiro não tinha para comover o civismo do eleitorado. Porque a queda não foi de muito alto, o líder conseguiu ficar de pé, enquanto muita gente terá que ir se arrastando, como se arrastam as lesmas, para alcançar o posto onde se manterá como simples posta de carne.

Aqui também, a esbandalhada coligação fez pouco caso de elementos que, pelo seu valor, eram os únicos motivos de respeito.

Ao que me consta, o líder Gilberto Osório de Andrade vai ficar sobrando. Dentre os seus adversários não haverá um só que não exalte a atuação do deputado udenista na Assembleia Estadual. Entretanto, é bem possível que gente do seu partido esteja plenamente conformada com uma derrota que não é do candidato, pois recai com toda a sua carga por sobre uma desorganização partidária bem nítida aos olhos de todos.

Julgo a UDN morta e enterrada, porém, mais forte e vivo estou a ver o seu ex-líder.

E' um mal ter valor no meio de certas organizações inválidas. Sómente as urnas fazem os deputados e essa operação se processa sem muito esforço de consciência.

Eu, francamente, por ser amigo ou mais do que amigo do sr. Gilberto Osório de Andrade, não lamento o que ele perdeu. Vejo-o no seu capital, dentro daquela sua luminosíssima prudência. O sr. Gilberto Osório não perdeu a Assembleia, esta foi que o perdeu e não achará quem o substitua.

Esfrangalhou-se a UDN. Diluiu-se a Coligação no fulgor da sua heterogeneidade, porém, o sr. Gilberto Osório continuará mais maciço.

Para o seu posto irá... irá alguém que, decerto, saberá ficar sentado. (De «Folha da Manhã», 22/10/50).



sia fosse: uma pura e simples criação verbal, nada mais. É, bem verdade, no autor de «Novos Poemas» não há propriamente um desajustamento, porque o poeta sabe muito bem, instilar em tudo quanto realiza, o mistério de sua personalidade criadora.

Nos seus poemas e haicais, sentimos viva e forte uma sensibilidade privilegiada, a qual não importando a natureza temática, dão-nos a certeza dessa imponderável presença, que existe somente na verdadeira poesia. Existe, contudo, em Eduardo Martins, uma outra qualidade que vem justificar esta sua inquietação dentro de todos os ritmos, este seu visionarismo estético e espiritual. Esta qualidade é a insatisfação permanente, que o impele sempre e constantemente para novas formas e para novos ritmos. Insatisfação existencialmente tirânica e absorvente. Reveladora ao mesmo tempo, e paradoxalmente, de uma poderosa individualidade, de uma personíssima visão lírica do mundo e das coisas.

Estê é, sem dúvida, uma nova face, imprevista e deslumbrada da poesia de Eduardo Martins: a sua ansia de renovação, encontra cada dia novas impressões e novas sugestões. Renovação que não é forçada nem exaustiva. Sente que é necessário mudar e que é preciso apresentar-se, sempre, com uma nova feição, não pelo imprevisto que isso possa trazer, ou pela repercussão que possa alcançar, mas por um impulso ingênito e por um inflexível destino. Realiza, desta maneira, uma poesia marcada por uma suave melancolia, cheia de insinuações e mistérios:

«Dai-me, Senhor, para sem-

[pre, um refugio

Entre montanhas e campi.

[nas

Com flores desabotoando

[nos caules

à margem de grandes lagos

Bafejadas pelo vento largo

[do mar».

Por tudo isto, Eduardo Martins, faz nascer em mim esta certeza plena de que nem tudo está perdido, de que ainda há passaros e flores sobre a Terra. Ele nos conta a história que nos chega aos ouvidos cansados como uma cantiga de ninar, e nos confunde com a paz de uma noite infinitamente

calma e serena. História triste como a sua poesia, história angustiante da Amada ausente para a inocente filhinha, mas que nos dá uma grande paz, sem termo e sem fim. E nos diz que o mundo ainda precisa de amor. De um amor que, enfim, transformará o aço das espadas em «penas que escreverão poemas consoladores». Que faça voltar de novo os «lírios do vale em lugar dos fusis».

A poesia de Eduardo Martins é assim bela, com ressonâncias de um CLAUDEL ou VALERY, cheia de imaginação e de sugestões perturbadoras em busca de beleza ideal. Por isso, encontro agora, depois de tanto tempo, uma significação infinitamente profética naquelas palavras maravilhosas de KEATS, e que Charles Morgan colocou no princípio do «Sparkenbrook»: «não estou certo de coisa alguma sinão da santidade das afeições do coração e da veracidade da imaginação. Por isso a beleza encontrada pela imaginação deve ser verdadeira»...

Eduardo Martins pretende ainda em fins deste ano entregar a uma Editora os originais de um volume de tanka e haikai traduzidos dos melhores poetas japoneses desde o VIIIº século até os nossos dias. Tem ele, além disso, em pepraro, uma «Antologia de Poetas Paraibanos», uma iniciativa inegavelmente digna de todos os elogios, e que vem restabelecer, com muita oportunidade, a continuidade histórica de nossa vida cultural ainda desconhecida e obscura para muitos. E terá, sem dúvida, um valor que não se limitará somente às reais possibilidades literárias do autor, mas realizará efetivamente uma verdadeira e justa restauração dos valores que representaram no passado o nosso patrimônio cultural, e que constituem hoje, em verdade, os mais belos exemplos de amor à perfeição e de fé maravilhosa nos destinos da inteligência creadora. Será enfim um livro que deixará decerto em todos nós, uma inapagável impressão de arte e de bom gosto, porque todo ele é, no sentido literário ou histórico, de uma unanimidade espontânea e comovedora.

MEU NORDESTE É ASSIM

JANSEN FILHO

MEU NORDESTE é assim —: molhado ou ressequido,
É sempre o mesmo artista, o sonhador de escol!
Ninguém ouve sequer a voz do seu gemido
Entre a ausência da chuva e a presença do sol!
O NORDESTE viril das canções e das festas,
O NORDESTE que trava enormes desafios!...
Que se embala a cantar nas asas das florestas
E se banha a sorrir na alma branca dos rios!...
O NORDESTE que causa inveja às outras terras,
Que esconde no seu ser as emoções mais gratas...
Que dorme no colchão vastíssimo das serras
Sob a Paz do lençol verde-escuro das matas...
O NORDESTE que monta o poltro arisco e bravo,
E investe contra a treva, a bruma, a tempestade!
E que parte o grilhão da corrente do escravo
Ao clarão tutelar do sol da liberdade!
NORDESTE que na fronde audaz dos arvoredos
Faz troça e patuscada entre farras tamanhas!...
NORDESTE que cavalga o corcel dos rochedos
E se vai pendurar nas crinas das montanhas!...
NORDESTE que a rezar de mãos postas numa aresta
Adormece escutando o aboio dos vaqueiros...
Que cava a terra bruta e depois faz a sesta
Na sombra fraternal dos verdes joazeiros...
O NORDESTE que sofre e que não diz porque.
Que crisma as suas mãos na pureza do orvalho!
Que faz de sua enxada a carta de A.B.C.
E prepara as lições na escola do trabalho!
O NORDESTE que enfrenta a madrugada escura
E na cama do ocaso alquebrado se deita...
Que escreve no tapiz da terra fresca e pura,
O poema do plantio e a ode da colheita.
O NORDESTE do amor, das mais vivas contendidas,
Da saudade sem fim que definha e maltrata!
NORDESTE que possui mil segredos de lendas,
Que tem poentes de giro e tem luas de prata...
O NORDESTE que exalta e canta a natureza,
Que diz frases de amor, que fala de carinho,
Que dissipa a saudade, arrefece a tristeza,
Na plangência sutil das violas de pinho!
Este imenso NORDESTE, este NORDESTE intenso,
Arraigado, feliz, batalhador, viril,
É o imenso NORDESTE, O NORDESTE que eu penso
Ser todo o coração do corpo do BRASIL!

MORTE NO AGRESTE

CYRO DOS ANJOS

O PRIMEIRO indício de que o estado de José Custódio se tornara realmente grave foi haver a família providenciado para que viciasse da cidade uma garrafa de vinho do Pôto e uma lata de marmelada.

Na roça, só se dá vinho e marmelada ao doente que está passando mal, de verdade.

E' uma espécie de compensação: o coitado vai morrer, que leve alguma coisa dos prazeres deste mundo.

Há os manhosos, que requisitam o doce e a bebida, aos primeiros rebates da doença. Mas a estes a família vai entretendo com chazinhos e mezinhas. Um pequeno sitiante das barrancas do Rio Pacui não se lhe pode conceder o luxo de tal despesa, senão em circunstâncias muito especiais: morte ou casamento.

Espalhada a notícia de que José Custódio tinha tido uma derrota do coração, os moradores das redondezas começaram a vir, pela boca da noite, para se informar da marcha do acontecimento e oferecer seus préstimos à siá Luzia, companheira do velho.

Eleutério do Capão Redondo chega à porta do quartinho escuro, onde o moribundo arqueja em cima de um girau, e pergunta:

— Como passou o compadre, siá Luzia?

— O coitadinho vai rompendo, mas não sei se aguentará varar esta noite... responde a velha, indicando o doente com o queixo.

O destroço humano entreabre molemente os olhos. Teria ouvido os prognósticos de siá Luzia? O demônio da velha queria enterrá-lo depressa de mais. Não vê que não irá assim! Não era daquela nação de gente perrengue. Viera do sertão do Gorutuba, onde um homem não entrega a rapadura, sem mais nem menos.

E continua rompendo. Varou aquela noite, contra a expectativa da velha Luzia, que já estava cansada de lidar com ele, e contra o

desejo íntimo dos compadres que já prelibavam a cachaçada do velório e o transporte do corpo para o comerecinho de Rebentão da Vareda, onde terá de ser enterrado.

O acompanhamento de um defunto é fato social extremamente excitante, naqueles agrestes do Pacui. A gente se diverte, de verdade. De vez em quando, o cortejo pára, para as rezas, e a garrafa de cachaça corre de mão em mão. Contam-se casos. Entabulam-se negócios.

Se o corpo do morto começa a pesar muito, é por causa dos pecados. Então pendura-se a rede, a jeito, à margem da estrada, e dá-se uma surra de varas no defunto. Só assim se alivia a pobre alma dos seus

pecados. Naturalmente, a sova fará também com que o peso do falecido diminua um pouco, pela perda do elemento líquido — mas este não é o fim imediato, assegura nos Eleutério.

Voltando ao caso do José Custódio, a demora em se resolver a situação começou a cacetejar francamente a família e os compadres. Chamou-se a defunteira Eulália, infalível na conta dos termos e com longa prática de assistir a cristãos nas vascas da morte.

Pois Eulália falhou. Viu José Custódio fazer o primeiro termo, e depois o segundo. Quando devia entrar no terceiro termo, o velho tornou a aprumar. Era um homem dos diabos.

Siá Luzia achou, então,

que só o entendido Sebastião Furriel poderia solucionar aquele caso. E mandaram buscá-lo no Comerecinho.

Chegado que foi, Sebastião Furriel entrou logo em conferência com Eulália, que informa:

— Sió Sebastião, ancê sabe que até dias que é hoje, nunca errei na conta dos termos. Mas este cristão não quer mesmo se finar.

— Vamos ver, cidadão, disse Sebastião, em tom grave.

Acercou-se, ato contínuo, do moribundo, observou-lhe as unhas dos pés, examinou a fruta dos olhos, tomou o pulso e concluiu:

— O coitado está é sem força pra morrer. Vou empregar os meios.

Dito isto, subiu no girau, firmou o joelho no peito do velho, pondo nele todo o peso do corpo.

Não foi preciso manobrar outra vez, José Custódio expirara.

—cOo—

Lembro-me, particularmente, de uma das muitas ocasiões em que encontrei José Custódio. Foi no consultório de um médico, em Santana do Rio Verde.

José Custódio levava siá Luzia para tirar uma consulta. Apontando para aquela mulherzinha pequena, magra, encarquilhada, dissera:

—Doutor, deste caquinho de gente, que ancê está vendo, já arranquei dezesseis filhos!

Foi esse caquinho que, depois de ter os dezesseis filhos, e de vê-los morrer quase todos, ainda enterrou meu amigo José Custódio.

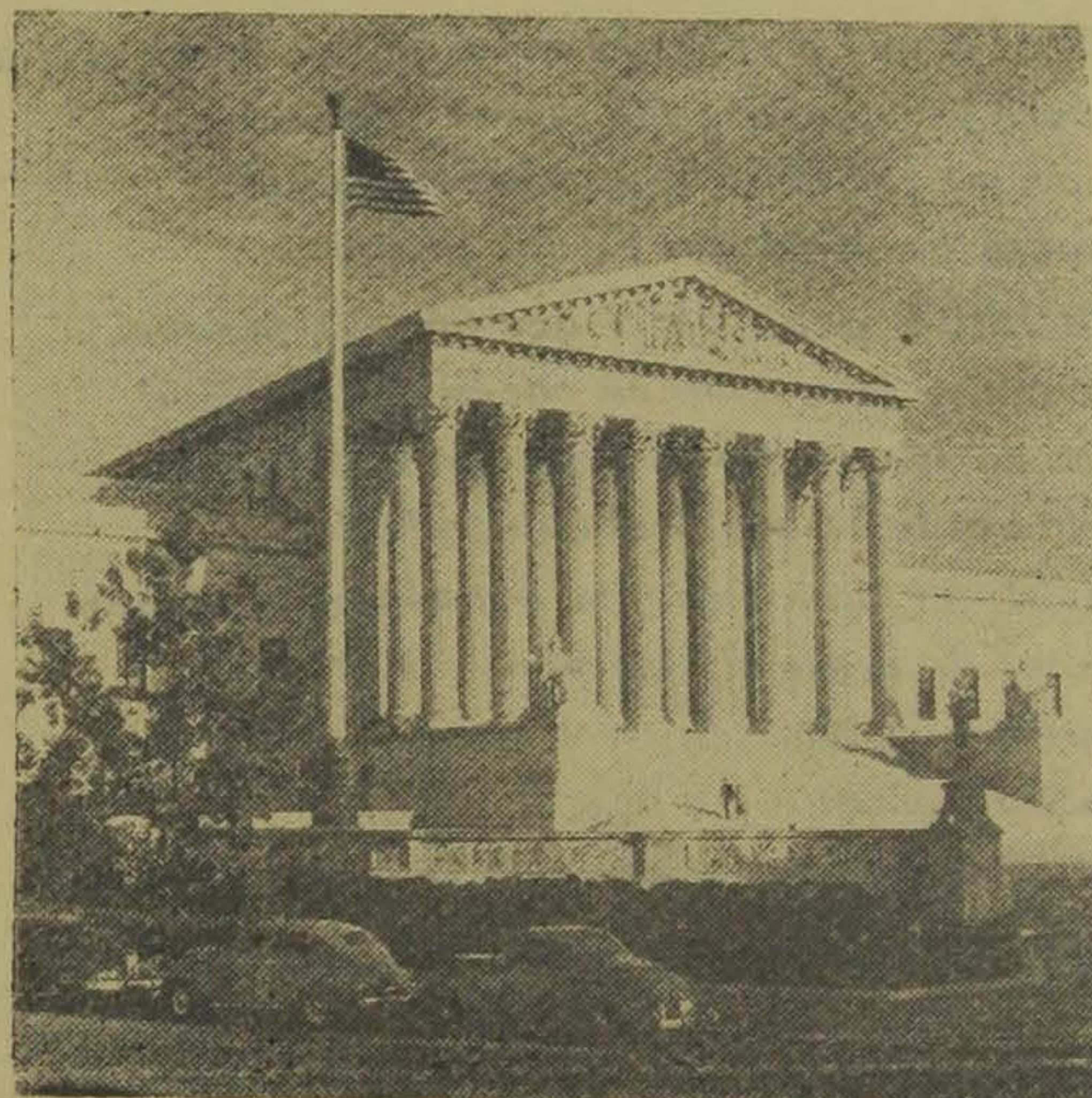
—cOo—

Quando as comadres e os compadres lhe diziam diante do morto espichado no girau:

— Sinto muito os seus incômodos, comadre Luzia.

— E' a vontade de Deus, que é que nós há de fazer, respondia. Ele não nasceu p'ra semente.

Nenhuma lágrima nos olhinhos miudos. Aliás seria uma extravagância, nos agrestes do Pacui.



A foto mostra o edifício da Corte Suprema dos Estados Unidos, em Washington, D. C., sede do mais alto tribunal da nação. A Corte Suprema é composta de um Juiz Presidente e de oito juizes superiores. Projetada pelo famoso engenheiro-arquiteto Cass Gilbert, a estrutura de mármore branco foi completada em 1935. No tope das colunas do pórtico acha-se inscrita a seguinte legenda: «Equidade e Justiça dentro da lei».

De cada lado da estrutura vêem-se obras de escultura da autoria de James E. Fraser, artista norte-americano. A figura de mulher meditando, à esquerda, simboliza a contemplação dos problemas da justiça, e a figura de homem, à direita, o cumprimento das leis.



Ilustração de SANTA ROSA

DORME ENQUANTO EU VELO...

FERNANDO PESSOA

DORME enquanto eu velo...
 Deixa-me sonhar...
 Nada em mim é risonho.
 Quero-te para sonho,
 Não para te amar.

A tua carne calma
 É fria em meu querer.
 Os meus desejos são cansaços.
 Nem quero ter nos braços
 Meu sonho do teu ser.

Dorme, dorme, dorme,
 Vaga em teu sorrir...
 Sonho-te tão atento
 Que o sonho é encantamento
 E eu sonho sem sentir.

DE PORTUGAL

VIDA E MORTE DA CONFERENCIA

JORGE RAMOS

Le sort de la littérature reste plus ou moins complètement déterminé par le langage.

«Dispositions Foncières de la Littérature»

J. HANKISS

UM dos generos literários que requiere maior profundidade é a Conferência. A minúcia da observação esgota o assunto, que tem de ser visto cuidadosamente de frente e de perfil, porque a forma de ser tratado o expõe a diferentes reacções, e se o ritmo de dicção não está de acôrdo com a clareza com que se interpretam ideias malogra-se a preocupação do conferente em ser conciso e limpo. Talvez pareça um paradoxo — mas é à custa de determinada soma de pormenores que se equilibra essa sobriedade, e não devemos esquecer que a Conferência é um trabalho que se escreve para ser ouvido, é uma

coordenação de pensamentos que se lêem, obra de síntese mas fundida no cadinho de complexas investigações sobre o valor e propriedade das palavras no que elas podem exprimir com mais vigor. É uma tarefa muito árdua de estudo, a exigir quase que requisitos especiais de dissecação intelectual no processo mais delicado de traduzir ideias. A primeira qualidade do conferente é a solidez da sua cultura — única maneira de não se iludir a si próprio nem enganar os que o escutam. Por isso mesmo só os homens com «experiência» literária, os grandes escritores habituados à agili- dade mental, e os pensadores capazes de dominarem o estilo cultivaram com correção a Conferência, abordando os mais diversos temas depois de os sujeitarem a uma espécie de verificação de peso e de medida.

Infelizmente, a Conferência, para não empregar outro termo menos elegante,

abastardou-se. Com a mesma facilidade com que certos pseudo-romancistas amassam romances, ou algumas senhoras t gastando rimas incolores na depenteada musa costuram as mais prosaicas banalidades todos fazem conferências. As questões literárias e artísticas, como os problemas seiris, eram tratados por nomes de categoria, autorizados pela sua competência, a falar sobre coisas tão vastas e transcendentais. Hoje,

— a época pertence aos audaciosos que vão temer o ridículo — a arte de pensar e de escrever tornou-se officio facilimo e a Conferência popularizou-se no mau sentido da quantidade de irresponsáveis normais que de tudo sabem dizer muita coisa. A Conferência caiu no mais estrondoso dos descréditos. Acodem-me à memória aquelas horas de prazer espiritual de muitas e famosas conferências perante assistência culta e interessa-

da, e pômo-las em triste contraste com estas manifestações de frivolidade que nos fazem bocejar. A Conferência teve em Portugal, uma época de esplendor. Actualmente está no último estertor da agonia. O declínio deste género literário não representa apenas o funeral da eloquência; é a putrefacção do cadáver do Espírito. Reabilitá-lo seria ressuscitar a Inteligência para uma das suas mais belas criações.

«CORREIO DAS ARTES»

DO poeta Hernani de Lencastre, residente em Tavira, recebemos a seguinte carta, referente ao reaparecimento de CORREIO DAS ARTES: «Tavira, 5 de out. de 1950. Prezados confrades — as minhas cordiais saudações. Recebi, ante-ontem, os ns.

44 e 45 do magnifico suplemento literário d'«A União»: CORREIO DAS ARTES.

Muito grato me confesso pela homenagem que me foi prestada no primeiro desses dois números. Há tempo que me não era dado o prazer de ter em

minhas mãos tão bem orientada publicação literária, e assim foi dobrada a satisfação com que a recebi. Verifiquei, por uma nota publicada na segunda página do aludido n. 44, que o CORREIO DAS ARTES deixou temporariamente de circular. Felizmente que os motivos que para isso haviam contribuido se acham removidos, passando o mesmo suplemento a circular de novo. É sobretudo simpática a declaração de independência, contida naquela nota, perante as divergências entre os ideários e o conceptualismo estético de cada um, adentro da República das letras. Aí se traduz uma atitude, nessa sua dia afirmação, que é a pedra angular de uma real efectiva fraternidade literária, a base de um autêntico universalismo espiritual, e a consubstanciação do ideal sagrado da verdadeira Democracia. Bem haja, pois, o CORREIO DAS ARTES, magnifico suplemento cultural!

E a despedir-me dos illustres confrades, me subscrevo com alta estima e consideração, formulando meus ardentes votos de grandes prosperidades.

Hernani de Lencastre

SEMPRE QUE TU SORRIAS...

HERNANI DE LENCASTRE

SEMPRE que tu sorrias uma rosa rubra
abria-se orvalhada ao Sol da Primavera,
quando esse Sol rebrilha sem que nada o cubra,
dando-nos toda a luz — e mais... se mais hou-
[vera!...

E enchiam-se teus olhos dessa luz do Sol...
E a tua voz também... De modo que, falando,
em plena luz do dia um meigo rouxinol
surgia ao pé de mim, alegre, gorgendo...

As linhas do teu corpo a deslizar, suaves,
com aquela elegância que há no vôo das aves,
supunha-as esculpidas por divino escopro...

Vê quanto pode o Amor e a nossa fantasia...
Com êle a vida inteira vive-se num dia,
embora se desfaça... como um leve sopro!

P. S. — Junto mais dos originaes, ambos inéditos tanto no Brasil como em Portugal, que gostosamente ofereço ao CORREIO DAS ARTES.

PRIMOS

Conto de O. G. REGO DE CARVALHO

TENDO o primo no outro lado da mesa, Raquel se pôs a considerar que, por mais escondesse a marca do tempo, Jorge não conseguia, agora, ocultar o permanente enfado que se estampava no rosto. Aos poucos ia se aniquilando, alheio às alegrias vãs do mundo e cada vez mais retraído. Mesmo assim não a esquecia — pelo menos aparentava, visitando-a pontualmente aos sábados:

— Meu pobre amigo — exclamou, abanando a cabeça em negativa, — como tem envelhecido!

Jorge deu de ombros, procurando sorrir. Todavia não foi além da intenção. Reconhecia que paulatinamente se desmoronava, como um barranco que de mansinho caiasse na ribeira. Apenas reagia vez por outra, quando se sentia culpado ou nele pesava alguma acusação:

— Pensar demasiado, eis o mal — disse em resposta, querendo magoá-la.

Ante a crueldade do amigo, Raquel a custo pôde reprimir a indignação e a consequente vontade de chorar. Que estava o primo insinuando? Olhou-o com tristeza, tentando desvelar na face lívida aquele ressaibo de ironia que lhe era frequente, às últimas semanas. Jorge, contudo, trazia a cabeça baixa, cuidando de armar uma paciência; na verdade, conquanto simulasse preocupação em descobrir um valete para a dama, todo o pensamento se concentrava no momento poético de sua vida.

Nessa época, recém-saído da universidade, voltava para casa com um único fito: o casamento. Na realidade suas idéias não passavam de evanescências, de pálidos reflexos do que pensava ainda adolescente. Dêsse tempo queria a Raquel como símbolo do amor puro. Mas sentia faltar-lhe a mulher que personificasse todos os predicados da imagem; logo descobrisse, a ela se uniria — para sempre.

Regressando à terra, julgava que longa fôsse a busca, porém se enganou. No mesmo dia da chegada, a

mãe veio prevenilo de que uma prima — a Quelinha, estava na sala. A princípio não demonstrou interesse pela visita, pois nem se lembrava de parenta alguma dêsse nome. Quase imperceptível, uma suspeita o foi envolvendo, até que o empolgou:

— Quem, a moça? — inquiriu, fingindo-se distante.

— A Raquel, não conhece? Sobrinha de seu pai.

Não guardava a menor recordação de sua fisionomia. Com efeito, nunca voltou à fazenda, após mudar-se para a cidade, e principalmente no período de es-

tudos na metrópole. No entanto, imaginava que a prima tivesse características de matuta, em especial nos modos de falar. Porque o timbre para Jorge significava muito, e por mais agradável fôsse a rapariga, dela jamais haveria de gostar verdadeiramente, se a voz denotasse trivialidade.

O semblante composto, seguiu até a sala de estar, onde se defrontou com Raquel. Esta voltou o rosto ao pressenti-lo perto, entre confusa e já afeioada. Os gestos simples e sem afetação prenderam-no, a ponto de fazê-lo pensar, momentos, em vir a amá-la.

Ficando a sós com a pri-

ma, ele se sentiu aturdido, e intimamente se maldisse por deixar invadir-se de admiração, quando podiam estar conversando. O silêncio que os tinha envolvido continuou, constringendo-o. Todavia, contra sua expectativa, Raquel, longe de mostrar-se embaraçada, interrogou-o de repente, indagando por que a olhava tanto:

— Acaso nunca me viu? — disse de voz firme, meio velada.

Era uma pergunta desnecessária, aquela, mas que serviu para uma aproximação.

— Não, não me lembra tê-la visto tão encantadora! — exclamou Jorge, gracejando.

— Mentindo, primo? — Ela se pôs a rir, as faces levemente coradas. — Bom que tome precaução contra suas investidas.

— Não se engane dessa maneira — replicou o outro, persuasiva mas seriamente. Verá com o tempo que não sou tão galanteador.

Raquel não acreditava, não obstante sincera a confissão. Ninguém supunha amar de modo espiritual, mais à S. Francisco, do que Jorge. Ele mesmo cria, erradamente, que a timidez o reteria longe de qualquer conquista. Vencê-la, em busca de completa libertação, tal era seu lema.

— Quer ver uma fita, comigo? — indagou, súbitamente.

A prima olhou-o, mistura de admiração e alegria.

— Mas... — começou, e o riso convulsionou-a, cortando a frase. Mas, se a menos de um minuto insinuava ser timorato?

Jorge perdeu essa interrogação no tumulto. Diante de seus olhos reapareceu o baralho disperso na mesa, e a voz de Raquel estava carregada de aflição, doendo a seus ouvidos:

— Você não me escuta? E' bem a terceira vez que o chamo, sem que me atenda.

— Estava pensando — disse numa desculpa, sem encará-la — pensando em nós.

VERISSIMO, O FOLCLORISTA

CARLOS ROMERO

VERISSIMO de Mello é um estudioso do folclore de sua terra. Um estudioso e um divulgador. Semanalmente os suplementos literários trazem em suas páginas colaborações desse incansável pesquisador de nossas tradições populares, pois ele nunca deixou de assinar o ponto nos suplementos literários, o que bem demonstra a sua dedicação e a sua tenacidade no gênero que abraçou na literatura.

Discípulo de Câmara Cascudo, pronto para continuar a obra que o grande folclorista vem realizando em sua terra, Verissimo de Mello é um moço cheio de muito idealismo e de muito talento. Poderia dedicar-se a outros gêneros. No entanto, anda engolfado no folclore, que é a sua cachaca, e vem prestado assim um valioso serviço à cultura nacional. Diariamente recebe cartas de estímulo e de aplausos dos mais distantes recantos do mundo. E o seu nome já se tornou familiar nos contos de pesquisas folclóricas. Em sua província, recolhido em seu gabinete, juntinho de sua biblioteca especializada, Verissimo de Mello está no seu verdadeiro «habitat». Sem isso, só,

fre a angústia do peixe fóra d'agua. Quando não está folheando os livros, mete-se a anotar adágios, cantigas, superstições, histórias que o povo conta diariamente.

E' um folclorista autêntico. Inumeros são os seus trabalhos publicados. Grande o prestígio que goza nos meios culturais, tanto estrangeiros como nacionais.

Agora, Verissimo acaba de remeter-nos mais uma plaquette, desta vez editada pela Diretoria de Documentação e Cultura da Prefeitura de Natal. O trabalho intitula-se ADAGIÁRIO DE ALIMENTAÇÃO. «Ficar com agua na boca», «tem, pêro da comida é a fome», «ruim que só carne de cobra», uma porção desses adágios, onde tão bem se reflete a sabedoria popular, Verissimo de Mello recolheu nessa sua plaquette. Cada adágio traz uma explicação do autor quanto ao sentido, havendo ainda o cotejo com os adágios de outros países e cidades.

Diante desse trabalho do jovem folclorista «papa-gérimum» resta-nos somente dar-lhes parabéns, aguardando de seu talento e de seu esforço pesquisador novas contribuições à cultura brasileira.

— Nós? — fez ela, quase patéticamente. Quer servir o café, por esta noite? Deixei o bule no fogareiro.

O amigo ergueu-se molemente, a contrariedade no gesto. Ao notá-la, Raquel compreendeu que não havia apenas cansaço em sua fisionomia: o desgosto existia igualmente. Como não descobrira há mais tempo? — perguntou-se. Também no começo fora tão feliz!

Desde os primeiros entcontros se enamorou dele, encantada com aquele ar, para ela inexprimível, de melancolia e ternura. Sómente uma vez chegou a tentar esquecê-lo. Ela colhia rosas no canteiro do terraço, e nem foi preciso virar-se para descobrir o primo atrás; sentia-o presente pelo simples fato de estar presa de excitação.

— E' você, Jorge? — interrogou, sem se voltar. Alegria-me que tenha vindo.

— Sabe muito bem que a amo — ele disse, a voz avulada. Fazendo-a volver, tomou-lhe as mãos. — Sinceramente.

Deixando cair as flores, Raquel soltou um grito:

— Ai, ai — lamentou, procurando desvencilhar-se — os espinhos me feriram.

Jorge ergueu-lhe as mãos, e como visse uma gota de sangue ruborizando o dedo, beijou-as e sorriu:

— Ainda está doendo? — indagou, inclinando-se a médio.

— Não. — Raquel anuí, porém, estremecendo ante um breve contacto de corpo.

— Meu amor — e em seguida o primo roçou a boca na sua face, levemente. À proporção que ela se deixava possuir de langor, paralelamente iam-se acentuando na consciência a vergonha e o tédio. Repelindo-o quase bruscamente, Raquel abaixou a vista, o rosto vermelho como se estivesse espancado:

— Não o repita mais, Jorge — disse constrangida.

Entre surpresa e irônico, ele replicou:

— Não a supunha tão pudorosa.

Como o visse sair incontinenti, Raquel quis chamá-lo, não chegando a entreabrir a boca; para que retê-lo, quando sua presença a envergonhava? Depressa, sentou-se no chão, à sombra de uma mangueira,

prometendo-se nunca mais pensar nele.

Mas o primo não o consentiu, visitando-a sempre que podia. Certa noite, o ressentimento não de todo apagado, tinha-o à mesa, quando ele colocou a mão sobre a sua, e fitando-a nos olhos, falou com a voz comovida:

— Raquel, conheço alguém que a deseja para esposa.

Compreendendo que aludia a si mesmo, tentou magoá-lo, o olhar quase ausente:

— Seja quem for, não me casarei. — Para que mentir-lhe, se era evidente que o esperava? — interrogou-se amargamente. — Mas, diz: qual o pretendente?

Jorge não assuntou, limitando-se a sorrir pálidamente e a recolher a mão. Pretextando um malestar de estômago, quando o semblante espelhava o desengano da alma, saiu cedo, antes mesmo do café. Apenas tornou a vê-la uma quinzena depois, restringindo suas visitas desse momento.

Nunca mais a palestra se passou na intimidade, conquanto desejassem ambos segredar as confidências. Mesmo assim era inevitável agora exigisse uma definição, e já que o próprio Jorge confessou estar pensando neles, por que não esclarecer?

— Ainda me quer bem, primo? — ela perguntou de súbito, ternamente, abrindo os olhos por instantes cerrados e deparando a xícara de café sobre a mesa.

— Naturalmente — Jorge respondeu embaraçado, mirando a noite pelo retângulo da janela. (Oh, caprichoso, oh incompreendido amor!) — Por que pergunta?

— Uma idéia que me ocorreu.

Rolando, sempre descendo no abismo, Raquel deixou tombar a cabeça, quase soluçando. Como podia alguém ficar tão de propósito alheio a seu sofrimento? Não compreendeu, mas decididamente jamais continuaria a viver assim.

— Amanhã, irei à fazenda.

da — disse procurando conter-se, não alcançando todavia a quietude almejada. Não retornarei mas, Jorge.

O silêncio caiu pesado entre ambos, e só depois de alguns instantes, para ela de tribulação e desfalecimentos, Jorge se encorajou a rompê-lo, com uma observação sobre o tempo.

— Teremos chuva na madrugada — falou, caminhando para a porta. Se vai regressar como tençionista, adeus.

Vendo-o retirar-se, Raquel cerrou as pálpebras, sentindo o impulso — nada além — de correr e abraçá-lo, para, retendo-o perto do coração o infinito, rogá-lhe que não a deixasse partir, quando juntos podiam ser felizes e tão serenos.

Teresina, julho de 1950.



CANÇÃO DE NINAR

MARIO GOMES

N

EITE, meu preto, no meu braço.

Durma querido

Ninguém é mais feliz do que eu...

Posso embalar nos meus braços
um século de redenção...

Você meu moreninho, prêto João
e o traço de união de duas raças
que desmoralizam o racismo
e se reúnem para mais...

— Caminham para além,
para um mundo só
sem paralelo 38...

Meus Deuses!... Como é bom ter a plebe nos braços!
[cos!...]

Aceita um beijo humanidade!...

Dorme, dorme, meu branco, prêto João...

PEREIRA DA SILVA

Cont. da pag. 3

portas da imortalidade em 1927, na vaga de Osório Duque Estrada (primeira eleição). Concorreu então com Roquete Pinto, Benjamim Costalat, A. Batista Pereira, Alcebiades Delamare e Martins Fontes. Não deu resultado o pleito, abrindo-se nova inscrição. Pereira da Silva, que obtivera respectivamente, em cada escrutínio, 7, 4, 1 e 6 votos, não voltou a concorrer. Roquete Pinto foi eleito depois, em pleito tranquilo sendo candidato único. Por morte de Silva Ramos, em 1931, tornou-se a se apresentar candidato, não obtendo resultado.

Enfim, em 1933, por morte de Luiz Carlos, ele conseguiu a realização do seu grande desejo.

Pereira da Silva foi recebido, sous la coupole, em sessão solene, em 26 de junho de 1934, tendo-lhe dado as boas vindas um seu grande amigo, Ademar Tavares. Na Academia recebeu Mucio Leão e fez o elogio de vários escritores, como Machado de Assis, Gonçalves Dias e Silva Alvarenga.

Faleceu de um colapso do coração, na casa de Saúde da Gávea, em 11 de janeiro de 1944, tendo sido inhumado no cemitério de S. João Batista. (De «Autores e Livros», vol. 7, ano IV).

DIÁRIO DE LEITURA

HAMILTON PEQUENO

VI — GRACILIANO

Ramos é um escritor a quem tenho que voltar com frequência. Ele possui esse vigor, essa grandeza nos domínios da sua profissão, que raramente podemos encontrar em outro qualquer, nos âmbitos da literatura brasileira contemporânea. Tudo sombrio, nos seus livros, por onde os dramas humanos se escoam numa lenta e angustiante sucessão. Nenhuma alegria, nenhum vestígio de felicidade. Apenas a dor, dominando o seu mundo, entristecendo a face desolada das suas criações. Um total divorciamento da paisagem, um desinteresse absoluto pelos recursos descritivos, pelos tons coloridos. «Angústia» e «Vidas Secas» são os dois livros que fixam melhor, a meu ver, o estilo e o temperamento desse romancista.

VII — ESTES versos de Pablo Neruda:

Ah silenciosa!
He aquí la soledad de donde estás ausente.
Llueve. El viento del mar caza errantes gaviotas.
El agua anda descalza por las calles mojadas.
De aquel árbol se quejan como enfermos, las hojas.

Abeja blanca, ausente, aun zumbas en mi alma.
Revives en el tiempo, delgada y silenciosa.
Ah silenciosa! (1)

...a certeza de que há lembranças que não se apagam em nossa memória, surgindo sempre a cada instante de nossa vida; a convicção de que existe uma forma de desespero que não se aplaca por interferência da razão, em espíritos perturbados pela incerteza dos dias vindouros, e em estado de completa solidão.

VIII — NOVAMENTE com Amiel relendo

passagens grifadas a lápis, e sentindo que é viva de mais a intensidade com que ele nos comunica os seus pesares. E' sempre sobre a nossa sensibilidade, sobre as nossas disposições de espírito, que incide diretamente. Uma leitura que entristece e agotamenta as nossas reservas de energia. Dá-nos uma visão demasiadamente real de certas verdades que seria melhor não conhecer.

IX — UM personagem

do sr. José Lins do Rêgo que fica em nossa lembrança, após a leitura do «Fogo Morto» é o agressivo e sempre rebelado Vitorino Carneiro da Cunha. Ele representa bem o que o sr. Alvaro Lins intitulou de «Quixote provinciano», com a sua figura esquelética e intemperata a cavalgar uma égua ossuda e insegura, pelas estradas poeirentas e ruas do Pilar. Vitorino é um tipo que assume proporções simbólicas, numa região contaminada pelas injustiças e desajustamentos sociais. E' o rábula que defende os direitos dos infelizes, esbravejando nas esquinas contra a prepotência do delegado de polícia, contra tudo que venha ferir os direitos dos cidadãos. As agruras que experimenta não o demovem dos seus princípios. Embora ridicularizado, mal compreendido, continua no propósito de levar aos injusticados o conforto da sua palavra, arma que lhe parecia temível, mas que ninguém respeitava. Pobre «Papa Rábula»! Luta inglória a sua, tanto quanto a do outro que investia com fúria contra os moínhos de vento, ao longo das planuras!

X — ANOTO estas confissões melancólicas de Érico Veríssimo:

«Fui dar com os meus dezoito anos cheios de sonhos num armazém de secos e molhados, onde encontrei as primeiras decepções amargas. Tinha eu alguma inclinação para a pintura e até então alimentara sonhos de um dia pintar na tela, sob as vistas ilustres dum mestre europeu, as doces colinas da Inglaterra. No entanto lá estava agora a pintar letreiros em sacos de batatas, sob o olhar sem ternura dum chefe de escritório melancólico e seco, um tipo amarelo, de bigodes caídos, fugido talvez de algum romance de Dickens. Procurei um refúgio na arte e tratei de construir para mim um mundo artificial, já que o real — achava eu — não oferecia clima



Cinco membros da delegação norte-americana à Quinta Sessão da Conferência Geral da UNESCO, realizada em Florença, na Itália (22 de Maio a 16 de Junho de 1950), antes de sua partida de Nova York para a Europa — da esquerda para a direita:

Prof. Isadore I. Rabi, vencedor do Prémio Nobel de Física em 1944, e membro da faculdade da Universidade de Colúmbia, em Nova York; George D. Stoddard, presidente da Universidade de Illinois e chefe da Comissão Nacional Norte-Americana para a UNESCO; Miss Bernice Baxter, diretora de educação em relações públicas para as escolas de Oakland, Califórnia; Howland H. Sargeant, Vice-Assistente de Secretário de Estado para Assuntos Públicos e presidente da delegação dos Estados Unidos à Conferência; e George F. Zook, presidente do Conselho Norte-Americano de Educação.

A conferência geral, que se reúne anualmente, é a junta diretora da UNESCO. Determina as diretrizes e principais linhas de ação da organização; dá início e aprova projetos nos setores de educação, ciência, e artes; e aconselha às Nações Unidas acerca dos aspectos educacionais, científicos e culturais que lhe digam respeito.

em que meu espírito pudessem viver». (2)

XI — PARA Benedetto Croce a volta constante ao passado, em Proust, é um fenômeno que rebaixa a memória. Proust teria, no seu entender, explorado o passado sem o colocar diante do presente, que é a sua imediata continuação, e sobre o qual exerce tão profunda e inelutável influência. Mas não estaria Proust, na sua busca do tempo perdido, agindo por uma contingência mesmo do passado?

XII — SHERWOOD Anderson numa tradução brasileira (3). Um escritor que se liberta inteiramente das linhas clássicas de construção do romance, ao modo de Joyce ou Virginia Woolf, mas com maior moderação. Que estilo interessante, o de Sherwood Anderson! Parece ver as coisas em relances, e com muita acuidade. Tudo parece refletir-se nele em profundidade, e a visão que nos dá dos fatos e das pessoas é destituída de detalhes inúteis e adornos corriqueiros. Lembra Dreiser, no método de tratar as personagens e o assunto, e Hemingway no calor com que nos comunica certas emoções, certos estados de alma.

XIII — CONVERSA com C. R. Ele acha que Graciliano Ramos não se dispõe a encarar a paisagem por um receio instintivo de tornar-se ridículo, de cair nessas observações comuns em face da natureza. Acredito que Graciliano não sintia a paisagem por uma condição temperamental, ou então, como queria Amiel, por encontrar-se num estado de espírito incompatível com essa alegria exuberante que vive nas cores e na luz.

XIV — NENHUM exemplo de maior amor e dedicação à arte para a qual vivia, do que esse que encontro nas palavras da torturada e sempre infeliz Katherine Mansfield:

«Serei eu capaz de exprimir algum dia o meu amor pelo trabalho, o meu desejo de perfeição, a minha ânsia de um labor mais consciencioso? Serei eu capaz de dizer esta paixão

que sinto — esta paixão que substitui a religião porque é a minha religião. Que substitui a companhia dos outros, porque sou eu que crio os meus companheiros... que substitui a vida, porque é a própria vida. Sinto-me às vezes tentado

a joelhar diante do meu trabalho, a adorá-lo, a prestar-lhe, a ficar um tempo infinito em êxtase ante a idéia da criação». (4)

Sómente Flaubert seria capaz, talvez, de sentir-se assim, diante da sua arte.

ORIGENS DO HOMEM AMERICANO

Cont. da última pag.
dicar que o problema será de difícil solução definitiva; todavia, os estudos empreendidos, as pesquisas realizadas, as comparações culturais, linguísticas ou físicas já efetuadas, evidenciam, em primeiro lugar, a origem asiática, e em segundo lugar, a existência de mais de um grupo asiático nesse povoamento pre-hispânico da América. É o que demonstra o professor Salvador Canals Frau, em seu livro recente «Pre-história de America».

Para o professor Canals Frau, baseado no que chama realidades paleogeográficas, antropológicas, etnográficas e linguísticas, fixam-se em quatro as correntes pre-históricas de povoamento da América, quer dizer, os grupos de onde se origi-

nou o indígena americano. Estes grupos são: 1) doli-cóides primitivos de cultura inferior; 2) canoeiros mesolíticos; 3) braquióides de cultura média; 4) polinésios de alta cultura. Estes quatro grupos chegaram ao continente americano por caminhos diferentes, embora os dois primeiros e os dois últimos tenham percorrido, se bem que em períodos diversos, quase as mesmas rotas, aqueles no extremo norte do continente, estes, chegando com pequenas modificações de caminho, ao meio e quase ao extremo sul. A estes quatro grupos, já na época histórica, agregaram-se pequenas contribuições antropológicas e culturais, que se situaram no noroeste do continente.

A SINCERIDADE DE PEREIRA DA SILVA

(Cont. da pag. 2)
Nós já nos vimos um dia
Nalguma velha abadia
Dos primitivos cristãos;
Tinhas a mesma beleza
E não fito sem tristeza
Teus olhos e tuas mãos.

Como se explica a saudade
Que tantas vezes me invade.
Quando cismamos a sós?
Penso cousas, e m'as dizes,
E eu sinto na alma as raízes
Profundas de tua voz.

Lembro mesmo uma paixão
[gem:
— Certa vez, sob a rama.
[gem

Das aléas silenciosas,
Comentámos reverentes
O milagre das sementes,
Das estrelas e das rosas.
Sim! Já vivemos um dia,

Na mesma velha abadia,
Em tempos que lá se vão
A nossa alma é forasteira.
Eu já fui frade, e tu freira,

De algum convento cristão...

Se, como diz o ensaísta de Tronos Vacantes, fica muito bem sobre a fronte dos Poetas a corôa de luz do misticismo, e «na sua acepção mais pura, as religiões não são mais que Poesia infinita e eterna», — deixai-vos ficar com a vossa fé e com a vossa dor. A crítica já vos assemelhou ao Santo de Assis, que cantais a Beleza na humildade, as cigarras, os pássaros e as formigas, como vossas irmãs, as pedras da estrada e as águas das fontes, bendizendo as feridas do vosso caminhar! Chegais agora à porta da nossa Confraria. Podeis entrar, Irmão Antonio! Descansai com segurança. A sombra é amiga; o pão é puro; o vinho, amavel. Já vos fazeis esperar! Bem-vindo sede! Estais entre os vossos.

XV — CONCEITO de Taine sobre estilo:

«Au fond, la suppression du style est la perfection du style. Quand le lecteur cesse d'apercevoir les phrases et voit les idées en elles-mêmes, l'art est achevé. Un style étudié et qu'on remarque est une toilette qu'on fait par sottise ou par vanité». (5)

- (1) — Pablo Neruda — VEINTE POEMAS DE AMOR Y UN CANCION DESPERADA — pag. 46 — Editorial Tor — Buenos Aires — 1940.
- (2) — Érico Veríssimo — AS MÃOS DE MEU FILHO — pag. 120-122 — Edições Meridiano — Porto Alegre — 1942.
- (3) — Sherwood Anderson — A SECRET MENTIRA — Tradução de James Amado e Moacyr Werneck de Castro — Editora Globo — 1950.
- (4) — Katherine Mansfield — DIÁRIO — pag. 133 — Livraria Tavares Martins — Porto — 1944.
- (5) — H. Taine — NOUVEAUX ESSAIS DE CRITIQUE ET D'HISTOIRE — pag. 252 — Librairie Hachette et Cie. — Paris — 1905.

BIOGRAFIA DE CATULO

INTITULA-SE «Onte ao Mar», vida romântica do poeta do povo Catulo de Paixão Cearense, a biografia do grande troveiro sertanejo escrita por Murilo Araújo e já nos prelos da editora A Noite.

«A VOZ DO ESTUDANTE»

DE Natal, Rio Grande do Norte, recebemos o nº 1 de «A Voz do Estudante», órgão da Associação Polígua de Estudantes, que se publica sob a orientação de Francisco das Chagas Rocha. Variada colaboração

VARIAS

«O PRECURSOR ADELINO MAGALHÃES»

ORGANIZADO por Paulo Armando, que em breve prefácio explica a razão da reunião dessas páginas, recebemos «O Precursor Adelino Magalhães», livro onde depõem nomes representativos das letras brasileiras, como sejam: Nestor Victor, Fábio Luz, Tasso da Silveira, Tristão de Athayde, Luiz da Câmara Cascudo, Galeão Coutinho, Andrade Muricy, Murilo Mendes, Carlos Drummond de Andrade, Jorge de Lima, Eugenio Gomes, Murilo Araújo, etc.

O «Precursor Adelino Magalhães» é um livro de interesse para quantos se preocupam com a história da nossa literatura.

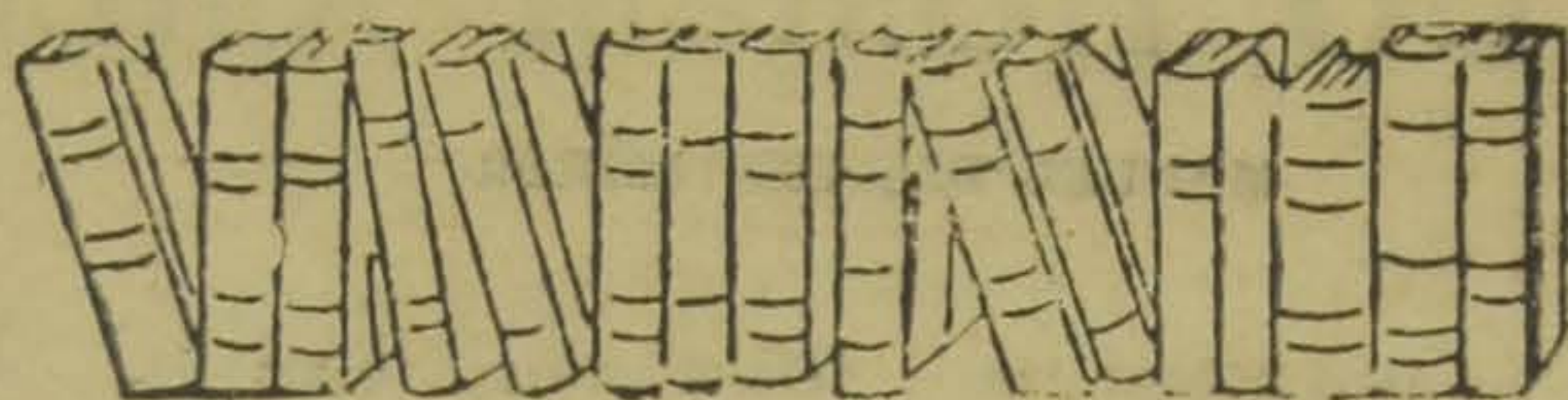
«ROSTROS DE LA DANZA»

A ESCRITORA Blanca Terra Viera envia-nos, de Buenos Aires, o seu último livro «Rostros de la Danza», estudos sobre a dança e num estilo que revela conhecimento no gênero.

Registramos, com prazer, o recebimento dessa obra, uma vez que livros dessa natureza são de pouca divulgação entre nós.

«REVISTA BRANCA» N. 12

RECEBEMOS o n. 12 de «Revista Branca», do Rio de Janeiro, dirigida por Saldanha Coelho. O número em apreço comemorativo do seu segundo aniversário, corresponde aos meses de maio a agosto, contém mais de 80 páginas e insere feita e escolhida colaboração em prosa e verso.



CURSO DE LITERATURA NORTE-AMERICANA CONTEMPORÂNEA

ACHAM-SE abertas na Secretaria do Instituto Brasil-Estados Unidos, 7º andar, as inscrições para um pequeno curso de Literatura Norte-Americana Contemporânea, a ser ministrado pelo professor G. Glenwood Clark, do «College of William and Mary», em Williamsburg, Virginia, e que, atualmente, ocupa a cátedra de Literatura Norte-Americana, na Faculdade Nacional de Filosofia, da Universidade do Brasil.

Esse pequeno curso que constará de uma série de seis palestras, tratará do ressurgimento da esperança, da fé e do idealismo na novela norte-americana contemporânea. Cada palestra comentará um novelista e analisará uma de suas mais recentes novelas, com o propósito de mostrar que a ficção de hoje tende a reafirmar o idealismo como um fator vital na vida moderna.

As palestras serão proferidas em inglês, todas as terças-feiras, às 17,30 horas, na sala da Biblioteca do Instituto, até o dia 14 de novembro próximo.



Robert Maynard Hutchins, Presidente da Universidade de Chicago, e editor-chefe dos «Great Books of the Western World» (Grandes Livros do Mundo Ocidental), uma coleção de 54 volumes que estão sendo

publicados nos Estados Unidos.

O conjunto compreenderá escritos que, segundo os editores, tenham «contribuí-

do para uma educação liberal do homem livre no século vinte». O projeto inclui 443 obras, de 74 autores. Um «Syntopicon» —

uma coleção de tópicos — em 2 volumes, servirá de referência e de identificação para os 2.967 tópicos discutidos pelos grandes autores. O projeto é patrocinado pela Enciclopédia Britânica, em cooperação com a Universidade de Chicago.

Hutchins foi nomeado para a presidência da Universidade de Chicago em 1929.

Nasceu em Brooklyn, New York, a 17 de Janeiro de 1899, e diplomou-se pela

Universidade Yale, de New Haven, Connecticut, em 1921. O Sr. Hutchins serviu como conferencista na Escola de Direito de Yale, e foi catedrático e reitor da Escola aos 28 anos.

«SANTIAGO» N. 12

RECEBEMOS, também o n. 12 de «Santiago», revista de informação cultural espanhola, que se edita no Rio de Janeiro sob a orientação de Gervasio Fidalgo e Manuel Garcia.

«Santiago» que trás selecionada colaboração e ótimo serviço de edição, é uma das melhores revistas publicadas em nosso país.

«LETRAS DA PROVINCIA» N. 21

PUBLICAÇÃO mensal das Casas de Cultura de Limeira e Jaú, São Paulo.

Como sempre, boa feição gráfica e ótima colaboração.

«OASIS» NS. 4 E 5

MAIS dois números acabamos de receber deste jornal de letras de Florianópolis, trazendo variada colaboração. São seus organizadores: J. P. Silveira de Souza, H. Mund Junior, Joeli Paladino e Nelson Teixeira.

«MUNICIPIO» N. 1

DE Caruarú, no Estado de Pernambuco, chega-nos o 1º número de «Município», jornal literário publicado pela Associação Caruaruense de Imprensa.

«Município» que tem como responsável Azael Leitão insere apreciável colaboração local.

«JORNAL DOS NOVOS» N. 1

CHEGA-NOS, também de Caruarú, o primeiro número de «Jornal dos Novos», órgão literário de jovens caruaruenses, dirigido por Oliveira Neto, Jeová F. França e E. Barros. Boa apresentação gráfica.



ORIGENS DO HOMEM AMERICANO

MANUEL DIÉGUES JÚNIOR

O ESTUDO do indígena brasileiro, quanto à sua origem, não se pode isolar do quadro do indígena americano em geral. Teorias diversas, umas pela unidade de corrente povoadora, outras pela pluralidade destas correntes, procuram explicar as origens étnicas do homem americano. Dois grandes nomes se apresentam à frente dos grupos de estudiosos que defendem estas teorias: Hrdlicka, batendo-se pela existência de uma única corrente povoadora, e Paul Rivet, pela pluralidade destas correntes.

Hrdlicka, partindo da existência de uma raça única dos indígenas americanos, acredita em sua origem mongoloide, tendo vindo à América de regiões setentrionais da Ásia oriental. O caminho desta penetração foi o estreito de Behring, então um istmo unindo o extremo noroeste da América ao extremo nordeste da Ásia. Os postulados fundamentais da teoria de Hrdlicka podem resumir-se nos quatro seguintes: 1) o homem americano, apesar de pequenas diferenças de pormenores que possam existir entre os diversos grupos, é racialmente uniforme; 2) os primitivos povoadores da América procediam totalmente da Ásia; 3) a entrada desses primitivos povoadores se efetuou por uma rota única, a do estreito de Behring; 4) estes asiáticos, ao chegarem à América, eram portadores de uma única cultura, de tipo inferior, produzindo-se seu ulterior desenvolvimento e subsequente diversificação cultural já no continente americano.

Os que aceitam a teoria unicista de Hrdlicka — e há nesse sentido uma grande corrente de estudiosos na América do Norte, principalmente — admitem que, apesar de não ser autóctone esse indígena, sua cultura o é; quer dizer, pelo afastamento em que se encontra das culturas asiáti-

cas, em suas línguas, em suas instituições, etc., produziu uma cultura própria. Todavia, a corrente da pluralidade de povoadores procura hoje basear-se em melhores fundamentos.

Há os que admitem oito ou nove correntes e os que aceitam menor número delas; em quatro, por exemplo, fixou-se Paul Rivet, que, para tanto, se baseou em provas antropológicas, culturais e linguísticas. Na realidade, estas provas documentam ou fundamentam a tese do povoamento pluri-partido do continente americano.

Rivet aceita que os quatro grupos de onde proveio o homem americano, são: um elemento australiano, de que são principais remanescentes os índios Patagões e Onas; um elemento malaio-polinésio aproximado, por seus caracteres físicos, dos melanésios, e verificado por semelhanças etnológicas e pela reconhecida capacidade de navega-

ção desses povos; um elemento asiático, mais importante entre todos os dos seus grupos, do qual se derivam certa uniformidade no aspecto étnico e determinadas características culturais do indígena americano; e um elemento esquimó, de origem uraliana, vindo pelo Ártico.

Rivet documentava sua tese em comparações entre os indígenas americanos e os grupos por ele considerados, encontrando semelhanças de ordem linguística, de ordem física ou antropológica e de ordem etnológica ou cultural. Ao lado de semelhanças linguísticas, as de ordem física — a coloração da pele variando entre o amarelo acobreado e o amarelo azeitonado, o prognatismo, a platinemia, o cabelo lissótrico, a dobra mongólica, a projeção dos gônios — e as de natureza etnológica — amputação das falanges em sinal de luto, os fornos subterrâneos, o uso do moquem, as vestes

de cortiça martelada, lembrando o Tapa polinésio, o uso de máscara nas cerimônias do rito, que tinham sentido de mágica, a canoa monoxila, o uso da massa humerangóide.

Novos estudos e pesquisas de natureza etnológica, destacadamente as correlações etnológicas levadas a efeito por Ankerman, padre Schmidt e Graebner, por exemplo, vieram demonstrar a posição correta que assume a teoria da pluralidade de povoadores no continente americano na fase pré-histórica. A origem fundamental do indígena americano é asiática, mas não de um grupo étnico, e sim de grupos procedentes de pontos diversos da Ásia.

A um etnólogo moderno vamos dever o elucidamento desse problema, dentro da situação atual das pesquisas e estudos realizados e tendo por método a escola histórico-cultural. Evidentemente, tudo parece in-

Cont. na pag. 14



TRONCO SEM VIDA — Desenho de Olivio Pinto para o CORREIO DAS ARTES